

Português Brasileiro Falado pelo Povo Karipuna: uma forma de uso que sofre preconceito linguístico

Brazilian Portuguese Spoken by the Indigenous Karipuna Society:
a form of use with linguistic prejudice

Maxwara dos Santos Cardoso
NEI/SEED¹

Antonio Almir Silva Gomes
Universidade Federal do Amapá²

Resumo. O presente artigo pretende promover reflexão acerca de características do Português Brasileiro em uso pela população indígena Karipuna que vive em terras indígenas às proximidades do município de Oiapoque-AP, Brasil. Os Karipuna formam um povo heterogêneo que ao longo de muitas décadas vem mantendo relação com diversos povos brasileiros indígenas e não indígenas, bem como com estrangeiros que vivem do outro lado da fronteira franco-brasileira. O português falado pelo povo Karipuna, em alguns casos, é visto como um dialeto errado por algumas pessoas, numa verdadeira expressão do preconceito linguístico. Ao apresentarmos algumas perguntas relacionadas aos dados, problematizamos a ocorrência, em pleno século XXI, de preconceito linguístico. Ao final, embora não seja nosso objetivo central, argumentamos em favor de que a escola também tem responsabilidade sobre a realidade e comportamentos linguísticos vistos na sociedade brasileira.

Palavras-Chave: Indígena. Karipuna. Português Brasileiro. Preconceito.

Abstract. The aim of this paper is to promote reflection about the characteristics of Brazilian Portuguese spoken by the Karipuna indigenous society, a people who live in the Terra Indígena Uaçá near the municipality of Oiapoque, Amapá State of Brazil. This indigenous society is formed by a heterogeneous people that, for many decades, have maintained a relationship with several indigenous and non-indigenous populations, as well as with foreign living on the other side of the Franco-Brazilian border. The Brazilian Portuguese spoken by the Karipuna, in some cases, is seen by the abroad population as a wrong dialect, thus generating linguistic prejudice. On the paper, by presenting some questions related to the language used, we discuss the occurrence, in the 21st century, of linguistic prejudice. At the end of the paper, although it is not our central question, we argue in favor of the fact that the non-indigenous school also has responsibility for the reality and linguistic behaviors seen in Brazilian society.

Keywords: Indigenous. Karipuna. Brazilian Portuguese. Linguistic Prejudice.

1. Apresentação

O presente artigo embasa-se em orientações da Sociolinguística Variacionista, particularmente aquelas que se ocupam com a variação linguística existente entre as diversas

¹ Coordenador Pedagógico na Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá, Aldeia Manga, Oiapoque/AP.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amapá (PPGLET/UNIFAP).



regiões, cidades ou qualquer comunidade que seja do Brasil. No contexto da variação linguística, ao pensarmos a realidade do povo Karipuna falante de Português Brasileiro, nos voltamos para os efeitos da variação assentados sob o rótulo “preconceito linguístico”. Nos termos de Oliveira (2017, p.2), “... além da questão da variação, a Sociolinguística, de forma geral, também se preocupa com os temas relacionados ao preconceito linguístico, mobilidade e estigma social”. Assim sendo, o objeto deste artigo será o Português Brasileiro (PB) falado pelo povo indígena Karipuna que vive em terras indígenas localizadas no município de Oiapoque – AP, bem como a maneira como esta língua é tratada no contexto dos falantes da língua na cidade de Oiapoque-AP.

Os Karipuna que vivem na Terra Indígena Uaçá, às proximidades do município de Oiapoque, estado do Amapá, são povo etnicamente heterogêneo, ou seja, um povo que foi sendo formado ao longo dos anos por diversos povos, tanto brasileiros não indígenas e indígenas, quanto estrangeiros de vários países, que antigamente se aventuravam pelas terras de Oiapoque.

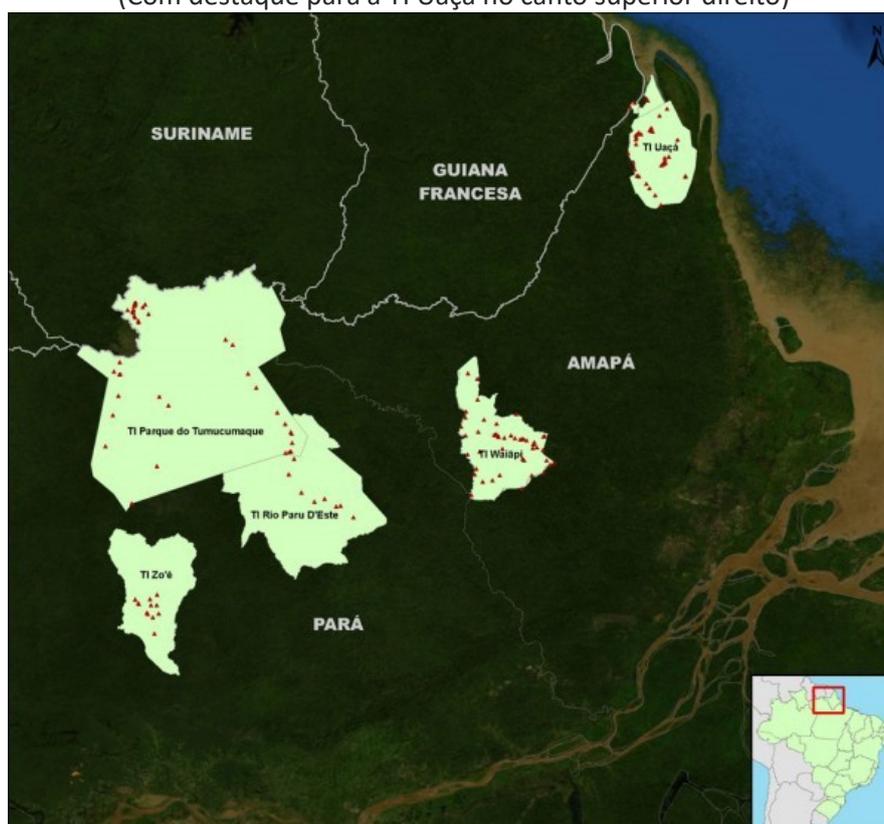
Vale ressaltar de antemão que o PB falado pela população não indígena da cidade de Oiapoque não se distingue drasticamente do PB objeto deste artigo. Essa percepção acontece devido à proximidade das aldeias com a cidade. Inclusive muitas pessoas de Oiapoque costumam frequentar as aldeias ou vice versa. Devido a essa proximidade e contato linguístico, surge uma inquietação relacionada ao preconceito linguístico, pois são comuns comentários, e mesmo críticas, de que os indígenas falam o PB não padrão, considerado errado pelos autores das críticas. O presente artigo, desta forma, não tem como objetivo discutir se o PB falado pelos atuais Karipuna é um dialeto “padrão” ou “não padrão”, porém vem provocar uma reflexão acerca do preconceito linguístico existente com relação ao PB falado pelo povo Karipuna. Assim como vem provocar uma reflexão acerca dos estudos sociolinguísticos no sentido de que ainda há muito a se dizer à sociedade nacional no sentido de valorização da diversidade linguística brasileira. Portanto, a partir do momento que trabalhos como os aqui apresentados forem discutidos e divulgados cada vez mais, fortaleceremos ações no sentido de que haja a quebra desse preconceito existente na sociedade brasileira. É por esse motivo que este artigo, entendemos, torna-se relevante; ele busca esclarecer e desmistificar a concepção de que, por ser indígena, se fala errado o PB. Para esse fim, organiza-se o artigo com as seguintes seções: (2) Os Karipuna do Oiapoque e (3) Variação Linguística. Nesta seção, apresentamos alguns exemplos ilustrativos do PB Karipuna (3.1) e, na sequência, tratamos de questões relacionadas ao preconceito linguístico emanado por não indígenas aos Karipuna (3.2).

2. Os Karipuna do Oiapoque

O povo indígena Karipuna vive há séculos na área do município de Oiapoque-AP. Ao longo desses séculos vem estabelecendo contato com outros povos, o que fez com que atualmente essa etnia seja considerada heterogênea do ponto de vista populacional. A maior parte da população Karipuna está concentrada na Terra Indígena Uaçá e tem um quantitativo bem reduzido na Terra Indígena Juminã e Terra Indígena Galibi, contíguas à Uaçá.



Figura 1: Terras Indígenas do Amapá e Norte do Pará
(Com destaque para a TI Uaçá no canto superior direito)



Fonte: Instituto de Pesquisa e Formação Indígena, Iepé.

Demograficamente, a maior parte da população Karipuna vive em aldeias localizadas às margens do Rio Curipi; A segunda maior parte vive na Região da BR 156 e uma menor quantidade populacional vive na Região do Rio Oiapoque. Mas a história de ocupação da população Karipuna se consagrou na Região Rio Curipi. Em documento do Conselho de Caciques dos Povos Indígenas do Oiapoque (CCPIO) temos a seguinte definição sobre os Karipuna:

Somos Karipuna [...]. Vivemos em 3 Terras Indígenas demarcadas e homologadas (TI Uaçá, TI Juminã e TI Galibi), formando uma área contínua de 518.454 hectares, e nos organizamos em [...] regiões: BR-156, Rio Oiapoque [...] e Rio Curipi. Nossas terras estão localizadas no extremo norte do estado do Amapá, fronteira com o território que hoje constitui a Guiana Francesa e onde também vivem nossos parentes. (CCPIO, 2019, p.11)

Distintos autores dão conta da presença dos Karipuna nesta região já no século XVIII. No início da década de 1900, este povo já estava bem estruturado nessa área, vivendo de acordo com suas tradições. Os próprios Karipuna mais antigos afirmam que antigamente existiram várias aldeias grandes, que ao longo do tempo foram abandonadas. Dentre os nomes se destacam um lugar chamado de Cemitério, conforme aponta Ricardo (1983):

[...] vieram explorar o rio Curipi acima e ficaram lá no lugar chamado cemitério, chamado assim porque morreram muitos índios Karipuna [...]. Depois foi entrando civilizado pelo meio e desapareceram, mas a origem é Karipuna. Quando eu era mais novo eu via ainda dançar a Kuiapuranga, eles falavam o tupi-guarani, a língua geral. Meus tios davam os nomes dos Karipuna tudinho [...], (RICARDO, 1983, p.69).



Segundo Tassinari (2003):

A história da ocupação do rio Curipi por famílias e indivíduos de origens distintas, conforme vem ocorrendo há pelo menos 150 anos, é a história da formação de um grupo étnico e da elaboração de uma cultura em diálogo com as culturas vizinhas. É com essa perspectiva que pretendo apresentar a trajetória de vida dos principais antepassados dos Karipuna e a forma como essa trajetória atualmente descrita, de modo a construir um passado comum a todo o grupo. (TASSINARI, 2003, p.154).

Para Ricardo (1983, p.66), foram várias nações estrangeiras que se misturaram junto ao povo Karipuna, no qual se destacam “[...] crioulos, árabes, chineses e europeus”, além dos estrangeiros, também se misturaram brasileiros de vários estados do Brasil, assim como, indígenas de outras etnias. Essa mistura de povos fez com que, o povo Karipuna seja considerado uma etnia heterogênea.

A heterogeneidade Karipuna se refletiu também na língua, de modo que atualmente muitas famílias Karipuna são falantes de PB como primeira língua, embora se ateste a presença de famílias que utilizem o Kheuol como primeira língua. Independentemente da presença do PB, contudo, a língua Kheuól ainda hoje também está presente na vida da população. Historicamente, de acordo com os estudos realizados sobre a situação da Língua Kheuol, se supõe que possivelmente os Karipuna a adquiriram de povos da Guiana Francesa, que na época frequentava a área do Rio Curipi. Pois a língua é bem semelhante à Língua Crioula, falada pelos guianenses.

Dadas às características históricas da população Karipuna, é compreensível e previsível que o PB falado por esta população atualmente também seja heterogêneo. Oliveira (2017, p. 9) “considera a língua como heterogênea, estando condicionada a estruturas que podem ser quantificadas e explicadas”. Em outras palavras “a língua é tão heterogênea quanto o povo que dela faz uso”. (OLIVEIRA, 2017, p.15). Na verdade, sabemos, nenhuma língua apresenta-se homogênea entre seus usuários. Logo, homogeneidade não é uma característica que se aplique a uma língua em uso, qualquer que seja ela. Pensando nessa perspectiva, discutimos na seção seguinte a questão da variação entre os Karipuna. Nosso objetivo principal é pensarmos esse fenômeno inerente às línguas naturais de uma perspectiva natural, em oposição a qualquer forma de preconceito linguístico.

3. Variação Linguística

A natureza heterogênea do PB deve-se a inúmeros fatores históricos. Segundo Mané (2012, p.46), esta língua ganhou forma já nos primeiros séculos da chegada dos europeus, que “... deixaram uma língua cujo vocabulário é todo ou em parte europeu, e a gramática e fonética são de base das línguas africanas locais: o crioulo”. A partir dessa história, o PB caracteriza-se por sua diversidade, que chega inclusive ao nível regional e local, o que permite pensar, por exemplo, na existência de inúmeros dialetos do PB. Para Mané (2012, p.43-44):

Diferenças no uso de língua e variação de língua são devidas a padrões complexos de fatores ligados principalmente à história, geografia, etnia, cultura e sociedade. Mas a variação geográfica é mais perceptível. [...] as variedades de origem geográfica são reconhecidas pelo nome de dialeto, e este termo é associado à área de estudo identificada como dialetologia ou geografia dialetal. Em contrapartida, outros autores



consideram o termo dialeto como sinônimo de variedade que pode ser regional ou social. O termo “dialeto”, portanto, implica variações de um código comum. Nesse caso, podemos falar, no Brasil, de dialeto carioca, sulista, mineiro, em relação ao português como idioma nacional. Eles são geograficamente separados e apresentam distinções entre si na pronúncia, entoação, no ritmo e até no léxico.

Os inúmeros dialetos do PB devem ser encarados sempre como ilustrativos da beleza da língua, jamais como um problema, ou algo feio que deva ser evitado. Como dissemos há pouco, não seria possível pensarmos em uma homogeneidade linguística. Obviamente, o que acontece com o PB falado pelos Karipuna enquadra-se nesse contexto linguístico, influenciado, inclusive, pelo contato contínuo do povo com os guianenses e outros povos, com quem os Karipuna sempre estabeleceram contato. O motivo pelo qual chamamos aqui PB Karipuna baseia-se tão somente na história da língua entre esta população; nada terá a ver com pensá-la exótica entre este povo.

3.1. *Variação linguística e o PB Karipuna: algumas notas*

A variação em diferentes níveis gramaticais do PB Karipuna – alguns deles apresentados a seguir – para além dos contatos com distintos povos falantes de outras línguas, encontra eco na história linguística do povo com a língua Kheuól. Em outros termos, outro fator importante que nos leva a refletir sobre a natureza do PB entre os Karipuna é com relação à língua Kheuol que antigamente era falada fluentemente por este povo. De acordo com Gallois e Grupioni (2009, p. 51) “A língua adotada [...] é o kheoul, ou patuá [...], com algumas variações. Consta que os antepassados dos Karipuna falassem português, francês e Nhengatu, porém o patuá é a língua que tomou vigor entre os atuais Karipuna”. Não existem evidências acerca da origem da Língua Kheuol/Patuá, porém, atualmente esta é considerada a língua indígena (materna) da etnia Karipuna.

Ainda na relação atual do PB com a população Karipuna, vale destacar a influência da escola que foi implantada na década de 1934, no contexto em que a política do Governo Brasileiro era de integrar o indígena à sociedade brasileira. Dessa forma “as escolas funcionavam como internatos [...], os índios eram abrigados a falar o português, no lugar do patuá, todo o tempo, além do horário escolar [...] (RICARDO, 1983, p.14). Essa atitude de imposição severa da escola foi o ponta pé inicial que fez com que atualmente o PB seja a primeira língua falada na maioria das comunidades Karipuna. Porém muitos são bilíngues, ou seja, falam tanto a Língua Portuguesa quanto a Língua Kheuol.

Com base no exposto, o problema que surge é que atualmente o PB em uso pelos Karipuna, em alguns casos, tem sofrido preconceito linguístico, ou seja, dependendo do caso, é visto por algumas pessoas como um dialeto não padrão ou errado. O motivo alegado pelos críticos do PB Karipuna são ocorrências de uso como as apresentadas a seguir.

A apresentação dos usos sob os rótulos morfofonético e lexical se deve ao fato de que não pretendemos ser exaustivos com os exemplos. Certamente, estudos futuros os ampliarão de modo a tornar possível a observação da complexidade envolvida nas diferentes formas de uso do PB Karipuna.



No nível morfofonético nós destacamos dois aspectos característicos do PB Karipuna, a saber: a alofonia vocálica e consonantal e o apagamento de sufixos gramaticais. No primeiro caso, temos [i] ~ [a], [e] ~ [i], [o] ~ [u], [s] ~ [ʃ]. No caso dos apagamentos de sufixos, temos fizeram ~ f[a]ze[ru] ~ f[i]ze[ru], fom[u] ~ f[u]m[u]s ~ foi ~ ∅.

Tabela 1: Nível Morfofonético

Pera aí	E[ʃ]pera aí	E[s]pera aí
Vocês f[a]ze[ru]	Vocês f[i]ze[ru]	
Nó[ʃ] /Nó[s] fo[ru]	Nó[ʃ] /Nó[s] fom[u]	Nó[ʃ] /Nó[s] fomu[ʃ]/fomu[s]
[es] mim progunta[ru]	Elis mi[m] pergunta[ru]	Elis m[i] perguntaram
A gente fom[u]	A gente f[u]m[u]s	A gente foi

No nível lexical, os exemplos apresentados se referem a diferentes formas do advérbio de lugar onde *Adonde, donde, aonde*; e da locução adverbial de tempo *dimdagora, indagora, aindagora*, sem contar com a ausência da concordância de segunda pessoa no verbo.

Tabela 2: Nível Lexical

Adonde tu vai	Donde tu vai	Aonde tu vai
		Onde tu vai
Dimdagora eu vi ele	Indagora eu vi ele	Aindagora eu vi ele

A observação dos exemplos morfofonético e lexicais nos leva a compreender de fato que não há nada de excepcional nos mesmos que nos permita distinguir o PB usado pelo Karipuna do PB falado por não indígenas do Oiapoque. Alterações vocálicas, seja alçamento, seja abaixamento são comuns no PB em geral. Nada de excepcional salta aos olhos. Da mesma forma, a redução morfológica de sufixos gramaticais. No geral, é perceptível ausência de morfologia sufixal (gramatical) no PB falado pela população do Oiapoque. Em um conjunto como *Vocês fizeram ~ Vocês f[a]ze[ru] ~ Vocês f[i]ze[ru]* fica bastante evidente um fenômeno cada vez mais comum ao PB: a perda de morfologia (gramatical) verbal, restando a outros elementos da sentença a determinação gramatical. Esse fenômeno se mostra presente em casos como *eu fez, tu fez, ele fez, nós fez, eles fez*. Qual estudioso do PB nunca se deparou com a alta produtividade deste paradigma na oralidade?

3.2. PB Karipuna e preconceito linguístico

O problema com o qual se ocupa este artigo é a questão do “preconceito linguístico”. No atual contexto, existe muita crítica com relação uso do PB por comunidades rurais, ribeirinhas, indígenas, quilombolas, entre outras. “O termo dialeto é usado para descrever uma variedade da língua, e possui uma grande carga de preconceito. Dialeto, muitas vezes, sugere a fala informal, a fala de grupos [...] oriundos de área rural, como é o caso de dialeto rural do Brasil” (MANÉ, 2012,





p.43). Pois no Brasil existe uma diversidade linguística muito grande, tanto regionalmente quanto dentro de uma única comunidade. Nesse sentido,

Toda língua que se usa numa área relativamente extensa é falada de maneiras diferentes conforme os lugares: são seus dialetos regionais.

Além disso, mesmo em uma única comunidade, a língua pode ser falada de maneiras distintas pelos membros dos diversos grupos sociais: essas formas diferentes são dialetos sociais ou socioletos. Por exemplo, há diferenças do português falado em Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás, Minas Gerais, para não falar do português de Lisboa ou de Maputo. Mesmo dentro de São Paulo, os economistas não falam, entre si, como os mecânicos de automóveis o fazem. É importante entender que cada pessoa fala um idioleto; não é possível falar uma língua sem usar algum dialeto (MANÉ, 2012, p.44).

A partir da concepção de que a língua pode ser falada de maneiras diferentes em uma única comunidade é que se deve entender o PB falado pelo povo Karipuna, um dialeto que em alguns casos, sofre preconceito linguístico, do tipo “esses índios falam o português tudo errado”. Casos como esses são relatados por membros Karipuna quando na cidade de Oiapoque. Contudo, considerando-se os dados da seção anterior – coletados a partir da interação com indígenas Karipuna de distintas aldeias – e sua semelhança com formas de uso da língua por grupos não indígenas de usuários do Oiapoque, alguns questionamentos surgem. O primeiro é: o que caracteriza esse PB falado pelos Karipuna? Será que podemos pensar em uma modalidade específica de uso desta língua pelos Karipuna ou, na verdade, se trata de uma variedade (ou socioleto) comum às áreas não urbanas da região do Oiapoque, incluída a Terra Indígena Uaçá? Outro questionamento é o seguinte: o que deve / pode ser considerado “errado” no uso do PB por diferentes populações, sendo que estas carregam consigo histórias e experiências próprias das mais variadas e, como sabemos, a língua carrega e marca em si tais experiências?

Esse conjunto de perguntas, cujas respostas não são simples, nos levam a considerar que pessoas que fazem esse tipo de crítica não procuram entender o contexto social do qual determinado cidadão e usuário da língua faz parte. Na verdade, não tem como dissociar língua de sociedade, tanto é que Salomão (2011, p.189) alega que a sociolinguística “[...] trata das relações entre a sociedade e as línguas como um todo, discutindo questões como as consequências do multilinguismo no desenvolvimento econômico e as prováveis políticas linguísticas que um governo pode adotar”. Neste caso, o povo indígena Karipuna, por estabelecer contato com povos estrangeiros, acaba tendo contato e influências de outras línguas ou dialetos, além do PB e do Kheuol.

Diante disso, surge outra pergunta, qual seja: é a interação dos Karipuna com outras línguas que faz com que o PB falado pelos Karipuna tenha essa variação perceptível e constante? Pois, tudo indica que a partir da interação vai acontecendo um processo de influência, já que a língua pode ser influenciada, no qual, as pessoas vão ouvindo e aprendendo novas formas de pronunciar certas palavras.

Diante disso, o preconceito linguístico sempre está presente, inclusive existe uma preocupação por parte do indígena que vai morar na cidade, ou seja, o indígena passa a falar um português diferente. Será que é por medo de sofrer o preconceito linguístico, que faz com que alguns indígenas passem a falar um dialeto que esteja mais próximo do dialeto falado pela





sociedade da qual passou a fazer parte? Questionamentos como esses servem para que possamos refletir e entender quão grande é a diversidade linguística existente no Brasil, pois são várias regiões, cada qual com sua especificidade linguística, ou melhor, cada qual fala um dialeto português brasileiro do seu jeito e não cabe a ninguém julgar se é certo ou errado. Do ponto de vista do indígena que sofre preconceito linguístico quando do uso do PB, devemos pensar também no efeito psicológico nocivo dessa prática.

4. Considerações Finais

Em pleno século XXI o Brasil precisa aprender a respeitar sua diversidade, incluída a linguística; precisa orgulhar-se de ser um país tão diverso em sua fauna e flora, em sua natureza, em sua população formada a partir de diferentes povos, em suas inúmeras línguas ainda hoje faladas em diferentes domínios. Somente assim conseguirá crescer no cenário global. Do ponto de vista linguístico, essa valorização jamais será obtida enquanto não conseguirmos “destruir” o preconceito linguístico. Não é possível vermos a população julgando o outro pelo que fala. Não é possível vermos as populações não indígenas que vivem no entorno de áreas indígenas julgando populações indígenas pela forma como elas falam o PB. As pessoas precisam aprender a respeitar o outro em suas individualidades linguísticas, sobretudo quando pensamos a oralidade. Nesse sentido, para concluirmos, embora não seja nosso propósito, a escola não indígena tem grande responsabilidade. Ela pode contribuir para a valorização da diversidade linguística brasileira. Se a língua escrita é uma (a padrão), a língua falada é multifacetada. Finalmente, o PB usado pelos Karipuna carrega consigo marcas da população que a usa. Não podemos aceitar que isso seja visto ou avaliado como errado. Errado é vivermos situações de preconceito linguístico ainda hoje.

Referências

CCPIO. *Protocolo de Consulta dos Povos Indígenas do Oiapoque*. Oiapoque: FUNAI/lepé/RCA, 2019. Disponível em <<https://www.institutoiepe.org.br/wp-content/uploads/2019/08/PROTOCOLO-OIAPOQUE-CAPA-E-MIOLO-final-compactado-1.pdf>> Acesso em 05 dez. 2019.

GALLOS, D. T; GRUPIONI, D. F. *Os povos indígenas no Amapá e norte do Pará*. 2 ed. (Ponto de cultura “Arte e vida dos povos indígenas do Amapá e norte do Pará”). Rio de Janeiro: IPHAN; São Paulo: lepé, 2009.

IEPÉ. *Terras Indígenas do Amapá e Norte do Pará*. 2008 Disponível em <<https://www.institutoiepe.org.br/area-de-atuacao/povos-indigenas>>. Acesso em 10 abr. de 2018.

MANÉ, D. As Concepções de Língua e Dialeto e o Preconceito Sociolinguístico. *Via Litterae*, v. 4, n. 1, p. 39-51, jan./jun. 2012.

OLIVEIRA, T. S. de. A Sociolinguística e a Questão da Variação: um panorama geral. *Revista Letras*, Curitiba, v. 19, n. 25, p. 01-18, jan./jun. 2017.

RICARDO, C. A. (Ed.). *Povos indígenas no Brasil*. Volume 3: Amapá/Norte do Pará. São Paulo: CEDI, 1983.



SALOMÃO A. C. B. Variação e Mudança Linguística: panorama e perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil. *Fórum linguístico*, v. 8, n. 2, p. 187-207, jul./dez. 2011.

TASSINARI, A. M. I. *No bom da festa: o processo de construção cultural das famílias Karipuna do Amapá*. São Paulo: EdUSP, 2003.